

NUNC EST BIBENDVM¹: A PALAVRA E O VINHO NO SYMPOSIVM E NA COMISSATIO

Inês de Ornellas e Castro

A sacralidade da liturgia do comer e do beber nas várias culturas mediterrânicas da Antiguidade remete-nos para uma distinção entre o tempo do banquete e o tempo de beberete. É, pois, sobre o tempo de celebração do “beber” que nos vamos debruçar ao convocar a única bebida de carácter civilizacional ensinada aos homens pelos deuses: o vinho.

Gregos, Etruscos e Romanos, povos cujas civilizações se entrecruzaram, situam em dois momentos distintos os rituais da refeição e do beberete. E, embora todos apresentem elementos comuns, a verdade é que não podemos falar de um modelo único de banquete mediterrânico. Se até há bem pouco tempo se defendia uma correspondência e mesmo continuidade entre a *dais* e o *symposium* gregos e a *cena* e a *comissatio* romanas, a verdade é que tanto os banquetes sacrificias como os beberetes apresentam inúmeras diferenças, e, na própria Grécia, teremos de distinguir os rituais das várias cidades-estado².

¹ Retomamos, embora noutra acepção, a expressão de Horácio, *Odes* I, 37,1, que poder-se-á traduzir por: é tempo de beber.

² Em Esparta, por exemplo, praticavam-se as *syssitia*. Citemos Massimo Vetta – “La Culture du Symposion”, *Histoire de L’Alimentation*. Paris: Fayard, 1996, p. 177: “Les syssitia sont des réunions quotidiennes ou les hommes prennent leur repas en commun; les citoyens (*homoioi*, “les égaux”) sont répartis en groupes d’environ vingt convives, compagnons de chasse ou de combat et liés par la tradition héréditaire. Chaque *syssition*

Enquanto a *dais*, momento de convívio e de partilha dos alimentos, convoca a divindade na carne sacrificial e nas libações aos deuses no início e fim a refeição, já o simpósio, acto único ou na continuidade da *dais*, destina-se unicamente a beber vinho em conjunto. A própria etimologia no-lo confirma: *syn* (em conjunto) e *posium* (de beber), vocábulo que surge pela primeira vez na poesia de Alceu³. O elemento *syn* afigura-se essencial ao sublinhar a convialidade do ritual, implícito na comunhão de uma cratera de vinho que vai passando sucessivamente pela boca de cada conviva, como uma droga, partilhada em nome de um deus: Dioniso. Assim, este deus da posse é também o deus da embriaguês, o que habita os espíritos e faz nascer a palavra cantada, celebrando a memória – a epopeia, como outrora os aedos homéricos, ou compondo hinos aos deuses. Nasce assim a literatura sob a égide do divino Dioniso.

Beber vinho, na época clássica, em que o simpósio ateniense adquire a estrutura que o definirá, implica todo um cerimonial a começar na preparação dos convivas.

Imaginemos um destes simpósios. A tarde cai em Atenas, numa casa particular, no *andron*, cujo chão foi purificado, um grupo de cidadãos livres, lavados, perfumados e exibindo coroas de flores, reclinados a dois e dois sobre leitos dispostos de forma circular vai iniciar a celebração de um simpósio. Designam o simposiaca encarregue de indicar a proporção de água que irá cortar o vinho – eis uma marca de civilização que distingue um cidadão grego de um bárbaro – o número de libações e as diversões permitidas. No centro do *andron* coloca-se a cratera⁴ onde os escravos fazem a mistura⁵, no século V a.C. é costume encontrar um terço

s'organise selon une petite hiérarchie, où l'esprit de la cité est respecté par la compétition régnant entre les différents groupes”.

Além das diferenças geográficas, devemos atender igualmente à evolução ao longo do tempo, desde o simpósio arcaico até ao helenístico, cujos distintos cerimoniais são passíveis de ser reconstituídos através dos próprios testemunhos poéticos. *Vide* M. Lombardo – “Pratiche di commensalità e forme di organizzazione sociale nel mondo greco: *symposia* e *syssitia*”, *ASNP*, XVIII, 1988, pp. 263-286.

³ Alceu (c.630 – 580) fez do vinho uma das temáticas de eleição da sua poesia lírica e é, com efeito, nas suas canções conviviais que encontramos pela primeira vez o vocábulo *symposium*, tanto quanto pudemos apurar nos fragmentos 92 e 143 de REINACH (respectivamente DIEHL 99 e 43).

⁴ Citemos de novo M.Vetta – *op. cit.*, p. 170: “une cratère placé au centre de l'assistance: c'est un symbole d'égalité et d'équilibre (*dike*), qui structure l'espace de la salle (*andron*) comme la statue d'un dieu organise les lieux emblématiques de la ville.”

⁵ A ideia de mistura associada ao vinho permaneceu na Grécia até aos nossos dias, pois,

de vinho para dois terços de água, um modo de prolongar o convívio e evitar grandes bebedeiras, mas no período helenista generaliza-se uma parte de vinho para uma parte de água. Atrás dos convivas, os tocadores de flauta e as dançarinas, as únicas mulheres presentes por vezes instadas a partilhar os leitões dos presentes, perfazem o grupo de intervenientes neste ritual. Depois de derramarem um pouco de vinho em honra do “génio bom”, ao som de flauta, surgem as três libações consignadas pela tradição: a Zeus e aos principais deuses olímpicos, às almas dos heróis e, em terceiro lugar, apenas a Zeus.

Dioniso celebra-se na embriaguês, nessa posse ritual comum a todos, configurada na comunhão dos gestos, dos prazeres e da emoção propiciada pelo vinho, o canto – presença das Musas – e os amores – presença de Eros. Ilustram bem este ambiente os escólios arcaicos⁶, as pequenas canções de simpósio acompanhadas tradicionalmente com flauta (a lira cinge-se aos escólios eruditos) e entoadas pelos convivas segundo um ritual preciso, primeiro todos em conjunto depois um a um, por ordem irregular, à medida que passam entre si um raminho de mirto e, por fim, os mais afinados cantam uns versinhos que contenham conselhos úteis para o dia a dia (Ateneu, XV, 694a-c), como estes dois escólios:

Ter saúde é a maior benesse para o homem, / em segundo lugar ter nascido belo, / em terceiro ter uma fortuna honesta / em quarto aproveitar a juventude em companhia dos seus amigos. (XV, 694e)

Bebe comigo, brinca comigo, ama comigo, usa tal como eu uma coroa na cabeça, enfurece-te quando eu me enfurecer, e fica sóbrio quando eu o estiver. (XV, 695d)⁷

como nos recorda Maria José García Soler, em grego moderno o vocábulo que designa vinho, *krasí*, tem associada à sua raiz a noção de mesclar (*krâsis*, -ews). Cf. M.^a J. García Soler – “El vino en la antigua Grecia. Formas de elaboración y consumo”, *La Rioja, el Vino y el Camino de Santiago, Actas del I Congreso Internacional de la Historia y Cultura de la Vid y el Vino*. Vitoria-Gasteiz, 1996, p. 140.

⁶ Os *skolia*, já evocados a propósito de Alceu, não se restringem apenas à poesia erudita, faziam igualmente parte de uma cultura de matiz popular, como os que apresentamos citados por Ateneu. Sobre os três tipos de *scolia* referidos por Dicearco, *vide* M.^a Helena Rocha Pereira – *Estudos de História da Cultura Clássica, vol. I Cultura Grega*. Lisboa: F.C. Gulbenkian, (3.^a ed.) 1970, p. 178.

⁷ Tradução nossa.

Além destes escólios, geralmente anónimos, também Alceu, Arquíloco (meados do séc.VII) e Anacreonte (c570 a.C.) nos deixaram composições em que louvam o prazer convivial.

O canto já presente no simpósio arcaico em que era cantada poesia lírica monódica⁸ frequentemente de improviso, testemunha uma cultura oral em que a palavra adquire um valor sagrado: o canto, com valor simbólico, assume-se como intermediário entre os homens e os deuses. Neste espaço de oralidade, cada poema recordado é pertença de quem o canta, reactualiza-se no momento de enunciação e readquire o seu significado.

Outros banquetes há em que a embriaguês do vinho dá lugar a uma embriaguês de palavras, lembramos assim o género literário designado por “banquete”, cultivado genialmente por Platão. Com este autor não estamos perante o banquete propriamente dito, a *dais*, mas sim variações filosóficas do simpósio ateniense do século V a.C. Depois de jantarem, os convivas bebem moderadamente e elegem a conversa como prazer único. Vejamos um passo do diálogo apropriadamente intitulado *Symposium* ou *Sobre o Amor*.

(...)efectuaram libações, entoaram hinos aos deuses, enfim e, depois de concluídas as cerimónias, que são habituais nestas ocasiões, preparam-se para beber: Nesta momento Pausânias tomou a palavra e sugeriu o seguinte:

– Vamos, amigos, pensemos já em como beber agradavelmente sem que isso nos transtorne as cabeças! (...) Procurai, por isso, beber de maneira a manter a sobriedade!.

A estas palavras respondeu Aristófanes:

– Boa ideia, Pausânias, deixemos que cada um beba à sua vontade, porque eu também estou no número dos que ontem não souberam beber sem moderação.

(...) todos concordaram em não passar esta reunião a beber muito, e em não obrigar ninguém a beber mais do que aquilo que estivesse na vontade de cada um.

Erixímaco retomou outra vez a palavra:

– Já que decidimos que cada um beba a seu gosto e sem constrangimento, proponho que se mande embora a tocadora de flauta, que acaba de entrar. Que toque para ela própria ou, se quiser, para as mulheres que estão lá dentro. Quanto a nós, empreguemos o tempo a conversar.⁹

⁸ Designa-se por poesia lírica monódica (do grego *monódia* i.e. cantar a solo) a que é entoada por um só cantor, em oposição à lírica coral.

⁹ Platão – *O Banquete ou Do Amor*. Prefácio, Tradução e Notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Atlântida Editora, 1968, pp. 45-46.

Estamos, pois, perante um simpósio despojado de todos os excessos, sem simposíaco, sem embriaguês provocada pelo vinho, nem música nem canto. Do cerimonial propiciatório à presença de Dioniso apenas foram observados as libações e os hinos; o ritual religioso do simpósio transforma-se em ritual social. Eis o simpósio que herdaremos da Antiguidade, um “banquete de palavras” como dirá Ateneu oito séculos mais tarde.

Já na civilização romana, o simpósio é inexistente e mesmo a *comissatio* (do gr. *comos*, festa) tornar-se-á cada vez mais, tal como a *cena*, o banquete ritual, um acto profano. Considerada pelos romanos uma das formas de *prazer grego*, a *comissatio*, surge na *Vrbs* em finais do século III a.C. como mais uma importação do gosto helenizante. Este género de *otium* nunca conhecerá uma grande popularidade, restringindo-se aos meios aristocráticos urbanos. Em consequência, ao invés do que acontecera na Grécia, é reduzida a produção poética decorrente destes beberetes, havendo, pelo contrário, uma considerável literatura relacionada com o banquete.

A *comissatio* desenrola-se ao fim do dia, precedida ou não pela *cena*, e, embora constitua sobretudo uma reunião social entre homens – se mulheres houver, serão de costumes livres ou reputação duvidosa –, mantem alguns traços do simpósio grego. Os convivas, lavados e perfumados, designam entre si o rei do beberete, um *arbiter bibendi*, frequentemente sorteado com dados (ganhava quem tivesse o lance de Vénus, i.e. seis), incumbido de designar a qualidade dos vinhos e o número de vezes que as taças serão enchidas, geralmente não menos do que o número das Graças e não mais do que o das Musas. Desta feita não encontramos o vinho cortado com água, que fora servido durante a refeição, mas sempre o vinho puro, como o Falerno envelhecido de que nos fala Catulo (87-54 a.C.) neste *carmen*:

Jovem que nos serves o velho Falerno, enche-me as taças de um vinho mais amargo, como o ordena a lei de Postumia, nossa rainha, mais amiga da embriaguês que um bago de uva cheio de sumo. E vós, ó águas, ide para onde quiserdes, ó flagelo do vinho, emigrai para povos austeros, aqui fica somente a pura seiva tinoniana. (*Carmen*, 27)¹⁰

¹⁰ Tradução nossa. Por “vinho mais amargo” entenda-se mais forte e capitoso, no original *amarior*. A mãe de Dioniso, Sémele, surge por vezes evocada sob o nome Tíone, daí o adjectivo “tinoniana”.

Caracterizam a *comissatio* dos primeiros tempos a celebração dos prazeres: o vinho e o *ludus*¹¹. Isto é o jogo ou fingimento daqui-lo que, fora deste espaço, seria considerado licencioso ou mesmo interdito, mas é permitido a coberto do efeito da embriaguês. Verifica-se, pois, o *ludus* não só ao nível do jogo da palavra, neste caso escrita e lida, mas também ao nível do jogo erótico explícito na temática. Descontextualizado do ritual dionisíaco, o vinho, embora seja utilizado nas libações iniciais da *comissatio*, está ao serviço de comemorações progressivamente mais profanas, torna-se um *alibi* de comportamentos excessivos, aos quais somente um auto-domínio, uma ascese individual, pode pôr cobro. Roma permite a todo o cidadão livre o direito à fantasia, o seu espaço lúdico, desde que conheça os limites e mantenha a *honor*.

Durante a República o vinho e o amor constituem a temática pre-dominante da *comissatio*. Entre os autores desse período, Catulo distingue-se pelos vários *carmina* onde os temas do desejo e do prazer surgem expressos no jogo de sedução do outro: um outro raramente feminino. Sendo o beberete um convívio essencialmente masculino (recordemos que, num contexto social, o vinho puro nunca podia ser consumido por mulheres), é natural que seja privilegiada uma relação de camaradagem com características homossexuais. Eis a verdadeira razão pela qual a *comissatio* era designada um “prazer grego”, como é sugerido nestes versos:

Aurélio, pai das fomes, não apenas das que há hoje em dia mas de todas quantas já existiram e estarão para vir, queres seduzir aquele que eu amo. E sem o esconder, pois não o largas; brincas com ele; encostado a seu lado, tentas por todos os meios. (Carmen 21, 1-6)¹²

Esta relação de natureza homossexual, compreende-se somente enquanto prática cultural decorrente da urbanidade, mesmo nos banquetes, um homem que apenas procure a companhia feminina e, por isso, evidencie desconhecer as atitudes mundanas, dificilmente gozará fama de civilizado, todavia, fora deste espaço privado qualquer indício de efeminação é ridicularizado.

¹¹ Retomamos aqui a expressão adequada de Florence Dupont, autora que a nosso ver melhor analisou a temática da literatura decorrente da *comissatio*. Cf. Florence Dupont – *L’Invention de la Littérature de l’ivresse grecque au livre latin*. Paris: Éd. la Découverte, 1994; vide particularmente os capítulos 3 e 4.

¹² Tradução nossa.

Vejam os próprios Catulo: depois de ter cantado os mil beijos que trocava com a sua amada Lésbia (*Carmen* 5), não tarda em receber críticas por ter demonstrado um comportamento pouco próprio numa *comissatio*:

E vós, porque haveis lido no meu livro milhares de beijos, acusais-me de não ser um verdadeiro homem? Dar-vos-ei provas da minha virilidade. (*Carmen*, 16, 12-14)¹³

De igual modo, as brincadeiras, que não tenham sido acordadas no início das *comissationes*, revelam uma condenável falta de urbanidade, sujeita a duras repreensões:

Asino Marrucino, fazes da tua mão esquerda, no meio da alegria e do vinho, um uso que não está correcto, roubas peças de roupa aos convivas distraídos. Consideras que tens espírito?. Enganas-te, ó tonto; não há nada mais ignóbil ou grosseiro.(...) Assim ou fica à espera de receber trezentos hendecassílabos ou envia-me as peças de roupa. (*Carmen*, 12, 1-6 e 10-11)¹⁴

Nalguns *carmina* de Catulo encontramos esse enquadramento de *mollitia* (voluptuosidade) onde surge o beijo, o beijo nas taças de vinho de bordos humedecidos pelos lábios de outrem, é também ele um *ludus*, imitação de uma relação amorosa. Distante do ritual dionisíaco, deixa de ser o beijo consagrado pelo Deus, para se tornar numa expressão de simples desejo, objecto da sedução em si mesmo. E o canto, esse que outrora ecoava espontaneamente, condenado doravante a fixar-se na escrita, deixara definitivamente o domínio da oralidade. Será pois a escrita a produzir a oralidade. Os participantes das *comissationes* levam os seus versos, muitos deles eróticos, para os recitarem ou virem a ser lidos por aqueles a quem os dedicam.

Décadas mais tarde, no início da época imperial, não iremos encontrar uma elite com um espaço lúdico muito diverso daquele que marcara a estreia dos convívios helenizantes. *Cena* e *comissatio* permanecem com idêntica estrutura, todavia, cada acto cerimonial está cada vez mais despojado da primitiva *religio*, esquecido o verdadeiro significado, o signifi-

¹³ Tradução nossa.

¹⁴ Tradução nossa.

cante reactualiza-se como mera etiqueta. A *comissatio* imperial testemunhada pelas odes de Horácio (65a.C.-8d.C.), parece ressuscitar os velhos líricos arcaicos, e até os *scolia* gregos com os hinos ao vinho e alguns conselhos sensatos, onde se lê um epicurismo prático, como nesta ode imitada de Alceu:

Nada mais se deve plantar, Varo, senão a vinha sagrada na bela região de Tibur e perto das muralhas de Catílio. Àqueles que não bebem reservou o Deus somente tristezas, pois só o vinho dissipa os inquietos tormentos. Acaso ao beber revolvemos incessantemente na boca as agruras do serviço militar ou da pobreza? Não repetimos antes os vossos nomes, Baco, pai, e tu graciosa Vénus? Mas se tal dom nos foi concedido por Liber, não convém ultrapassar a justa medida. (Od. I, 18)¹⁵

Mas desengamen-se quantos esperavam ver de novo a oralidade triunfar, a literatura sobre a *comissatio* celebra o escrito, descontextualizado o momento de enunciação. A alegria, os amores e o vinho cantados por Horácio perpetuam a cultura oficial de Roma. As canções báquicas recriam um tempo imaginário, como nestes excertos:

As taças foram feitas para a alegria, só os Trácios as usam para a luta. Renunciem a esse hábito bárbaro; Baco merece o nosso respeito, afastai dele as rixas e o sangue. De um lado o vinho e os archotes; do outro o punhal medo! Que distância entre um e o outro! Acalmai os ímpios calores, ó meus amigos, mantede o vosso cotovelo apoiado. Quereis que também erga uma taça do generoso Falerno? Assim seja. (Od.I, 27)¹⁶

Nesta outra canção, com inúmeras referências mitológicas, pretende-se recriar um momento de um festim para comemorar a entrada de Murena no colégio sacerdotal dos áugures:

Mas quanto custa um tunel de vinho de Quios, quem nos aqueceu a água, quem nos emprestou a casa, a que horas partilhamos a mesa, ao abrigo do frio das montanhas, eis quanto te esqueceste de nos dizer. Deita /o vinho/, ó jovem, deita depressa em honra da lua nova, deita para este repasto durar até meio da noite, deita ao áugure Murena. À

¹⁵ Tradução nossa.

¹⁶ Tradução nossa.

vontade de cada um, três ou nove vezes a mistura dos cíatos é vertida para as nossas taças. Na sua embriaguês, o poeta, amigo das Musas, pedira em número ímpar três vezes três cíatos; a Graça e as suas duas irmãs, nuas todas três, não nos permitem mais do que três cíatos, porque temem as brigas...é doce perder a razão... Porque deixamos de ouvir as flautas berecintas? (Od.III, 19)¹⁷

Mas à medida que nos aproximamos do fim do Império quer o canto quer a recitação acompanhada de música deixam de se ouvir. A conversação, o *sermo*, toma conta da *comissatio* e o vinho bebe-se com tal moderação que não dá azo a qualquer embriaguês. Os convivas reclinados tornam-se ouvintes e espectadores de corais de jovens escravos ou declamações de actores contratados: o canto é espectáculo¹⁸. As próprias conversas têm como objectivo a crítica literária. As *comissationes*, verdadeiros encontros de sábios dão origem a um novo género literário: os banquetes enciclopédicos. Nestas obras de tudo se fala, como se possível fosse reunir e resumir todo o saber existente. Exemplo paradigmático de tais *comissationes* são as *Noites Áticas* de Aulo Gélio (c.130-180 d.C.), em vinte volumes, ou as *Saturnais* de Macróbio (c.400 d.C.), de forma dialogada em sete volumes, dedicados ao seu filho. Mas curiosamente, a mais saborosa destas obras, datada do século II d.C. e escrita em grego, é o *Banquete dos sábios*, *Deipnosophistai*, em quinze volumes. Trinta e três sábios reúnem-se num banquete e quando passam ao momento do bebere começam a falar sobre comida, assunto central que vai sendo intercalado com diversos excursos sobre variados assuntos, como literatura ou política. À imagem do que acontece nas duas obras latinas, o *ludus* dos afectos e das palavras veiculados pelo canto restringe-se a um único objectivo: o comentário; o próprio canto destina-se a mera citação, adequada a ilustrar o assunto discutido, quanto à embriaguês dionisíaca é substituída por uma apreciação técnica dos vinhos:

Os vinhos tratados cuidadosamente com água do mar não causam embriaguês: soltam os intestinos, agem como corrosivos no estômago,

¹⁷ Tradução nossa.

¹⁸ Recorde-se a *Cena Trimalchionis* (31 a 78) do romance *Satiricon*, em que Petrónio nos oferece uma caricatura paradigmática do banquete de um novo-rico: entre outras diversões de carácter cultural, os convivas são brindados com declamações de Homero em grego, por actores trajados de guerreiros, e desajeitadas recitações da *Eneida* intercaladas por excertos de atelanas com fundo musical.

provocam flatosidades e ajudam a trituração dos alimentos. (Ateneu, I 32e)¹⁹

Mas não é correcto vislumbrar nestas *comissationes* do final do Império, como pretendem alguns autores, uma continuidade do género dialogado de Platão, longe vão os tempos em que a palavra etimologicamente entusiasmada dominava o simpósio. Desde então como agora restam-nos somente palavras orfãs, como diz o filósofo. O velho Dioniso está morto.

¹⁹ Tradução nossa.